

FIGURA E FUNDO NO ARTIGO DE OPINIÃO

Telma Patricia Nunes Chagas Almeida (UERN)¹

telmauern@gmail.com

Rosângela Maria Bessa Vidal (UERN)²

rosangelauern@gmail.com

Introdução

O presente trabalho tem como propósito discutir as dificuldades existentes na escrita de artigos de opinião produzidos por alunos do 5º período do Curso de Letras com Habilitação em Língua Espanhola da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Como suporte teórico, buscamos apoio em estudos funcionalistas e de texto e ensino. O primeiro, o funcionalista, no qual a língua é entendida como um sistema funcional, em que se passa a valorizar o uso da língua voltado para um contexto comunicativo, à luz dos pressupostos teóricos de Givón (2001); Hopper (1980); Du Bois (1985 -1993); Furtado da Cunha (2000); Furtado da Cunha e Oliveira (2003); Furtado da Cunha, Rios de Oliveira e Martelotta (2003); Neves (1997); Vidal (2009); dentre outros. Como segundo aporte teórico, temos o ensino e a produção textual em língua espanhola, com Celani (2009); Villalba (2003); Alonso (2003); Marcuschi (2003 - 2008); Bakhtin (1997); Orientações Curriculares Nacionais (OCN – 2005); Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN- 2002). Para tanto, toma-se como *corpus* produções do gênero textual artigo de opinião sob um contexto não real, uma vez que foram produzidos por alunos universitários, futuros professores de Espanhol em processo de formação durante a disciplina Produção Textual II da IES brasileira UERN e não por jornalistas. A metodologia assume caráter qualiquantitativo, descritivo e bibliográfico uma vez que suas análises discutem os dados em variáveis qualitativas e quantificáveis.

1. O funcionalismo linguístico e suas vertentes.

O funcionalismo linguístico propõe analisar o uso regular da língua mediante estratégias discursivas aos seus propósitos comunicativos. A partir do uso da língua é que se dá o processo de comunicação e por seu intermédio tem-se acesso à informação em que se

¹ Discente do Curso de Letras com Habilitação em Língua Espanhola da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Funcionalistas (GPEF), Campus CAMEAM, UERN.

² Doutora em Estudos da Linguagem, docente do Departamento de Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Líder e Orientadora acadêmica do Grupo de Pesquisa em Estudos Funcionalistas (GPEF), Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia - CAMEAM, UERN.

expressa e defende pontos de vista no qual são partilhados e construídas visões de mundo ao produzir cultura mediante as atividades dialógicas, disponíveis no funcionamento da linguagem.

O funcionalismo linguístico teve início na Escola Européia, cujas análises pioneiras são remetidas aos membros da Escola de Praga fazendo o uso das nomenclaturas função/funcional. A partir de 1970 começou a ganhar forças tendo como percussor Bolinger. Entretanto, só em 1975 foram iniciados seus trabalhos tidos como funcionalismo norte-americano. Du Bois (1993) afirma que “o discurso molda a gramática e a gramática molda o discurso”. Surgem, a partir daí, na língua, novas funções/valores/usos para as formas já existentes. O funcionalismo linguístico prioriza os componentes pragmáticos associados aos componentes sintáticos e semânticos. Conforme afirmam Furtado da Cunha e Oliveira (2003):

Para o funcionalismo, todas as orações de um texto têm uma dupla função: semântica e pragmática. O que se comunica em cada porção não é só o conteúdo semântico da língua, mas também a natureza e o propósito do ato de fala visto como fenômeno cultural e cognitivo. O conteúdo semântico proposicional de uma oração pode permanecer estável, ao passo que sua função discursivo pragmática pode se modificar. (FURTADO DA CUNHA, OLIVEIRA, 2003, p. 47).

Nesse sentido, para os funcionalistas, a língua não pode ser considerada totalmente independente de seus fatores externos, pois a gramática de uma língua é dinâmica e flexível e sob esse contexto, a gramática é, como propõe Du Bois (1985), “um sistema adaptativo”, ou seja, em parte autônomo por se tratar de um sistema e ao mesmo tempo suscetível a pressões externas, tornando-a adaptativa.

No funcionalismo tradicional constata-se outro modelo marcante pertencente ao grupo holandês de Simon Van Dik, cuja preocupação volta-se para o papel das expressões linguísticas na comunicação. Em outras palavras, de que forma os usuários da língua natural se sucedem no processo comunicativo.

O funcionalismo holandês, desenvolvido por Dik, no final dos anos 70, considera três princípios na análise linguística: a concepção da língua como instrumento de interação social, o reconhecimento da pragmática na análise da língua e por fim o estudo da sintaxe fundado na semântica. Nesse contexto, conforme Neves (2007) “a descrição linguística inclui referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e estatuto dentro da situação de interação determinada socioculturalmente”.

Outra vertente funcionalista baseia-se na concepção de Michael Halliday, fixada na noção de função. O funcionalismo de Halliday visa contribuir para uma gramática de base sistêmica e funcional, a língua se condiciona em uma rede sistêmica através dos eixos paradigmáticos e sintagmáticos.

O funcionalismo tem como ocupação as funções dos meios linguísticos de expressão, sua trajetória é tão antiga quanto o modelo formal. Os estudos modernos funcionalistas remontam a concepções linguísticas precedentes a Saussure, dentre os quais Whitney, Von der Gabelentz e Herman Paul, entusiastas e núncios da escola neogramática no final do século XIX, já cogitavam em seus trabalhos fenômenos sincrônicos e diacrônicos, replicados a parâmetros psicológicos, cognitivos e funcionais em suas descrições linguísticas. Nossa pesquisa toma-se como ponto central o funcionalismo norte-americano, ao qual se tem como precursor o linguista Dwight Bolinger.

A vertente norte-americana estimulou novos olhares e perspectivas às ciências da Linguagem ao mudar a ideia de que a língua era um produto fechado, sem possibilidades de alterações e mudanças. Associa-se ao conceito norte-americano o conceito de “gramática

emergente” (Hopper, 1987), surgindo na língua novos valores e usos para as formas já existentes. Cesário (2012) assinala que:

O funcionalismo linguístico, nessa perspectiva contemporânea, propõe analisar o uso regular da língua mediante estratégias discursivas aos seus propósitos comunicativos. A língua é analogicamente intrínseca a possibilidade de plena participação social. A partir de seu uso se dá o processo de comunicação, e é por intermédio da linguagem que se tem acesso à informação, que se expressa e defende pontos de vista, que se partilha e constrói visões de mundo, que se produz cultura, fazendo a mediação das atividades dialógicas e representando o conjunto desta, disponíveis no funcionamento da linguagem e comunicação de uma sociedade. (CESÁRIO, 2012 – EXEMPLAR NÃO PUBLICADO).

Sob esse conceito o plano discursivo e cognitivo, a língua como plano da pragmática ao traduzir aspectos contidos na comunicação linguística, isto é, a mediação do plano comunicativo real ocorrentes nas expressões e construções cotidianas inerentes aos usuários da língua. Desse modo, conforme Cesário (2012) “a produção do sentido do enunciado se relaciona com as escolhas que o falante elege para determinados fins”.

Com os textos de Sankoff e Brown em 1976 foram desenvolvidas as ideias da abordagem funcionalista norte-americana. Um pontapé inicial para propagar os estudos funcionais linguísticos em que se destacam a partir destes os nomes de Givón, Thompson e Hopper.

Por último, apresentamos outra vertente funcionalista – O Sociofuncionalismo. Em sua gênese trata-se do casamento entre a Sociolinguística (variacionista) e o Funcionalismo (gramaticalização), uma combinação de teorias em que se adotam variações linguísticas do ponto de vista da função discursiva, as explicando a luz de princípios funcionais.

O sociofuncionalismo nasceu no PEUL /RJ (Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua) como resultado de uma acumulação de conhecimentos e experiências advindas da adaptação e negociação constantes durante conversas travadas no jogo de constituição, defesa e uso prático das pesquisas sociofuncionalistas. Conforme Tavares (2003):

Nesse jogo, os pesquisadores traduzem conceitos de uma teoria para a outra, interpretando-os de modo semelhante a como procedem com os significados (segundo Davidson) ou fórmulas gramaticais (segundo Hopper) nas situações comunicativas - valendo-se de sua experiência passada e daquilo que cada novo contexto de conversa na diferença implica. Assim, conseguem interpretar os termos com os quais estão lidando, procurando chegar à convergência entre diferentes modos de ver. (TAVARES, 2003, p. 101 – 102).

A autora sinaliza que no jogo do sociofuncionalismo a interpretação dada pelos pesquisadores casamenteiros são as que induzem a junção entre as duas teorias, não apenas como soma ou combinação de pressupostos teóricos metodológicos de um modelo e/ou do outro, mas como resultado de uma conversação.

Para Tavares (2003) “o sociofuncionalismo é uma perspectiva viável de pesquisa, que em seu hibridismo possibilita uma aplicação não estanque, maleável de acordo com o objeto e com os objetivos de pesquisa que se apresentam a esse novo tipo de “linguística camaleão”.

Contudo, a cada nova conversa são apresentadas divergências e convergências, vez que conceitos são alterados em ocorrência do termo acima mencionado como “camaleão”,

definindo-se como temporários, volúveis e momentâneos, os que os conduzem há uma constante revisão. Desse modo, o sociofuncionalismo pode se constituir e reconstituir-se, conduzindo a diferentes questionamentos, tais como a relação entre o funcionalismo e a teoria variacionista; a forma como são interpretadas as negociações e ajustes existentes entre os diferentes quadros teóricos; e assim, por conseguinte, conforme estudos na área.

2. O foco investigativo *figura e fundo* e a caracterização do *corpus* artigo de opinião.

Existe uma relação entre o discurso e o grau de transitividade de uma sentença. Durante o processo de organização do pensamento humano cada indivíduo organiza seu discurso objetivando arrumar suas necessidades comunicativas conforme seu interlocutor.

Por meio desta organização o falante apresenta a distinção entre o que é eixo central e o que é periférico em seu contexto. Esse grau de transitividade reflete a função discursiva em menor e/ou alta densidade de modo a distinguir nos planos discursivos a noção de *figura e fundo*.

Para Gestalt, o processo de formação de figura e fundo é dinâmico, isto é, dependente entre si para sustentar os enunciados comunicativos. Furtado da Cunha, Costa & Cezario (2003) compreendem que:

Por *figura* entende-se aquela porção do texto narrativo que apresenta a sequência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativas, *realis* [*modo indicativo*], sob a responsabilidade de um agente, que constitui a comunicação central. Já *fundo* corresponde à descrição de ações e eventos simultâneos à cadeia da figura, além das descrições de estados, da localização dos participantes da narrativa e dos comentários avaliativos. (FURTADO DA CUNHA, COSTA, CEZÁRIO, 2003 p.39).

Dessa forma, em uma narrativa a figura representa o esqueleto e/ ou esboço do texto, ao qual o discurso avança e apresenta uma sequência temporal dos acontecimentos sob a responsabilidade de um sujeito que constitui a comunicação central, a contraposto o fundo sustenta essa estrutura básica sem fazer parte da coerência estrutural e sem contribuir com o progresso discursivo. O fundo, portanto, compreende a descrição de estados, da localização dos participantes presentes nas narrativas, assim como, na descrição de ações e acontecimentos simultâneos aos planos da figura.

O gênero textual discursivo artigo de opinião está contido no grupo argumentativo, caracteriza-se por discutir e problematizar as controvérsias existentes na sociedade via a busca de posicionamentos mediante a sustentação de ideias, negociações e tomadas de posições de argumentos antes apresentados.

O seu discurso tem como fins persuadir e/ou convencer o interlocutor a compactuar uma opinião ou determinada ação. Esse discurso é encontrado facilmente nas rádios, TV, jornais, revistas e internet fazendo uso de abordagens polêmicas nas quais exigem um posicionamento por parte de seu público alvo.

Entretanto, os artigos de opinião utilizados em nossa pesquisa parte de um contexto não real, já que foram produzidos por alunos acadêmicos em processo de formação profissional como professores de Língua Espanhola e não por jornalistas. Os autores desse gênero discursivo apresenta suas ideologias ao expor ideias pessoais via escrita.

Em sua estrutura é identificada a ousadia do autor para fundamentar o seu posicionamento acerca de uma temática, com caráter argumentativo. Essa estrutura está

constituída por uma introdução (ponto de vista ideológico), desenvolvimento (a argumentação em si) e conclusão (retomada dos posicionamentos iniciais ou sugestões). Para Perfeito (2006) todos os artigos de opinião necessitam conter:

1. Contextualização e/ou apresentação da questão que está sendo discutida.
 2. Explicitação do posicionamento assumido.
 3. Utilização de argumentos para sustentar a posição assumida.
 4. Consideração de posição contrária e antecipação de possíveis argumentos contrários à posição assumida.
 5. Utilização de argumentos que refutam a posição contrária.
 6. Retomada da posição assumida.
 7. Possibilidades de negociação.
 8. Conclusão (ênfase ou retomada da tese ou posicionamento defendido).
- (PERFEITO, 2006 p. 46).

Nesse sentido, o artigo de opinião possibilita discutir e analisar questões que servem de base para inúmeros novos questionamentos, sejam estes sociais, políticos, científicos, culturais e/ou educacionais de interesse social e atual.

3. As Análises dos artigos de opinião e a produção escrita em Língua Espanhola.

O ensino em língua espanhola é um processo que ultrapassa todos os espaços em que se preveja à comunicação ao possibilitar o desenvolvimento das habilidades e competências inerentes ao processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira. Desse modo, o professor em sua prática cotidiana deve adotar estratégias metodológicas que envolva um leque de múltiplas variedades para que postas em prática proporcione ao aprendiz um aprendizado nas diferentes habilidades que envolvem o estudo da língua, isto é, a audição, oralidade e escrita.

No entanto, verificam-se fatores que dificultam o processo de aquisição da língua, tais como, a aproximação com a língua materna (língua portuguesa) gerando o denominado *portunhol*. Embora haja similitudes estruturalmente entre as duas línguas latinas, os alunos tendem a apresentar dificuldades quando avançam para um nível de estudo gerando frustração e, por conseguinte desmotivando seus estudos.

Conforme os resultados parciais da pesquisa em andamento os alunos em processo de formação acadêmica para professores de Língua Espanhola encontram dificuldades inerentes a organização de suas ideias, posicionamento e sequenciamento das informações primárias (figura) e secundárias (fundo) contidas nos artigos de opinião produzidos como terceira nota da disciplina Produção Textual Espanhol II correspondente ao 5º período do curso Letras com Habilitação em Língua Espanhola da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN ao dissertarem acerca da seguinte questão dada pelo professor da disciplina: ¿Droga! ? Quién son los verdaderos culpados?

Foram coletados 16 artigos de opinião aos quais foram categorizados conforme nível de dificuldades apresentadas pelo autor ao defender sua ideia de forma a convencer seu interlocutor através das referidas nomenclaturas, sendo que o Nível I corresponde aos artigos aos quais os autores tiveram dificuldades em centralizar uma ideia central, o Nível II por sua vez refere-se aos artigos considerados intermediários segundo as análises com relação à defesa dos posicionamentos centrais e, por último, o Nível III ao quais os autores dispõem uma ideia central e a partir desta tece informações argumentativas que elucidam seus dados, conforme estão dispostas no quadro que se segue:

CODIFICAÇÃO DOS DADOS	
Artigo 01 – Nível I	Artigo 09 – Nível I
Artigo 02 – Nível I	Artigo 10 – Nível III
Artigo 03 - Nível II	Artigo 11 – Nível II
Artigo 04 – Nível II	Artigo 12 – Nível III
Artigo 05 – Nível I	Artigo 13 – Nível III
Artigo 06 – Nível III	Artigo 14 – Nível III
Artigo 07 – Nível III	Artigo 15 – Nível III
Artigo 08 – Nível III	Artigo 16 – Nível III

No entanto, para amostra de análise foram eleitos nove (9) artigos de opinião, sendo três (3) categorizados como nível I, três (3) nível II e, por último três (3) considerados nível III. Para se chegar a essa conclusão tivemos como base as Orientações Curriculares Nacionais (OCNs) e os elementos considerados cruciais na constituição dos artigos de opinião.

Os OCNS orientam que o aluno deve saber distinguir as variantes linguísticas, assim como eleger o vocabulário adequado condizente a ideia e posicionamento a que se pretende defender e/ou comunicar, um dos elementos fundamentais na construção do artigo de opinião. Vejamos a seguir fragmentos dos artigos de opinião como resultado parcial da pesquisa:

AMOSTRA 01 – ARTIGO 01

Una cosa de suma importancia en las discusiones relacionadas a el tema es la consciencia social, o sea, lo que se piensa la masa y la vez cada individuo en relación a la existencia de las drogas en la sociedad. Se conversar con algunos jóvenes puede percibir que ellos en su mayoría no están preocupados con los daños que las drogas puede traer para su cuerpo. Siempre va existir drogas.

O fragmento acima nos revela um sequenciamento cronológico de ideias dispersas, não há uma consistência ideológica porque o plano discursivo figura não é evidenciado de forma particular. O artigo não possibilita os acessórios (fundo) que sustentem o que foi argumentado. A pouca existência do processo de coesão e coerência dificulta o processo de compreensão. Nesse sentido, considera-se como nível I uma vez que o autor não se posicionou de forma clara dificultando a compreensão por parte de seu interlocutor resultando numa descaracterização comumente aos artigos de opinião.

AMOSTRA 02 – ARTIGO 04:

Las drogas son cualquier substancia producidas en laboratorio y utilizado en farmacias, pero o termo es empleado con frecuencia a los entopercentes que su uso causan efectos graves a la salud como también atinge el cerebro llevando a las persona tener acciones agresivas. Junte a eses el consumo excesivo de de alcohol. (...) esos son los jefes que hacen con que las drogas lleguen a todas las personas.

No fragmento acima identificamos um sequenciamento cronológico na ideia defendida por seu autor interpretada em razão de seus aspectos sociais e/ou culturais. Os argumentos colocam em primeiro plano a ideia central sobre o que está vinculada a terminologia drogas evidenciando os elementos secundários que dão sustentação ao defender e convencer característico de textos argumentativos. A essa amostra classifica-se como nível II, embora se evidencie o ponto central (figura) em seu posicionamento os acessórios (fundo) e/ou ideias secundárias estão dispostas dispersamente, isto é, fogem à defesa antes pretendida.

AMOSTRA 03 – ARTIGO 08:

Después de los acontecimientos recientes hay una movilización de la sociedad delante de las drogas, es el resultado de muertes, robos o tráfico. Estos números se ha incrementado poco a poco cada vez mayor entre los jóvenes en busca de la nueva epidemia que el país está sofrendo – el uso de drogas. Se espera que esta movilización no sea transitoria y que pueda ser trabajada exactamente en la prevención señalando el comienzo del problema.

Acima está apresentado fragmentos do artigo 08 considerado segundo critério nível III. Para tanto foi considerado a forma de como se processou os argumentos ao longo do texto escrito (artigo de opinião). Embora identifique algumas ideias soltas, o autor conseguiu permanecer com seu argumento inicial dando um sequenciamento cronológico a seu posicionamento. Há uma compreensão do ponto principal argumentado, os enunciados apresentados refletem a forma de ser, pensar, agir e sentir de quem o produziu.

Uma característica predominante na estrutura e composição de um artigo de opinião, no qual se tem como objetivo defender, argumentar, convencer e/ou persuadir o interlocutor segundo seus posicionamentos.

Conclusão

Para a linguística cognitivo- funcional, o professor pode levar seus alunos a refletirem sobre o processo de aquisição do conhecimento linguístico propondo atividades de pesquisa acerca dos conteúdos e metodologias utilizados no processo de ensino.

Despertar sobre essa concepção no ensino de línguas é considerar um processo contínuo de construção social, cujo norteamto faça uso significativo da língua enquanto prática de leitura e produção de texto e não apenas de ensino de gramática. Nesse sentido, o discurso é constituído a partir da situação de produção com vistas para o real, contrapondo-se a uma visão ideal dos estudos lingüísticos no qual propaga a viabilidade do trabalho com o gênero textual tido como artefato de considerações diversificadas, embora transpareça regularidades, e, não mais, letras, sons, ou outras estruturas gramaticais isoladas.

Acreditamos que essas reflexões podem acrescentar ao ensino de língua, na intenção de respaldar o processo de ensino aprendizagem e corresponder às necessidades de domínios essenciais da comunicação dialógica em nossa sociedade, na qual as escolas e universidades são elementos compositores desse contexto.

Os resultados parciais apresentados nos apontam dificuldades existentes no processo de escrita argumentativa referente a uma minoria de alunos acadêmicos. Os artigos de opinião analisados nos revelam a necessidade em se trabalhar com gêneros discursivos argumentativos, abrindo um leque de discussões, tais como, as dificuldades dos alunos de instituições acadêmicas em se posicionar diante de uma dada temática. Por outro lado, foram evidenciadas produções articuladas no sentido de apresentarem um sequenciamento cronológico defendendo e argumentando acerca de sua opinião.

As dificuldades apresentadas nas produções escrita por parte dos alunos referem-se tanto ao ensino de uma língua estrangeira e sua produção textual, assim como a argumentação requisitada por se tratar de um texto de opinião no qual se defende, convence e posicionam-se ideologias.

Referências

ALONSO, E. **¿Cómo ser profesor/a y querer seguir siéndole? : Principios y práctica de la enseñanza del español como segunda lengua; libro de referencia para profesores y futuros profesores.** 2ª ed. Madrid: Editora Edelsa, Grupo Didascalía S.A, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa.** 38 ed.rev. 19ª reimpressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental. **Orientações Curriculares Nacionais.** Língua estrangeira moderna. Brasília, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Médio.** Linguagens, códigos e suas tecnologias: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2005.

CELANI, M. A. A. Ensino das línguas estrangeiras: olhando para o futuro. In: _____, (org.). **Ensino de segunda língua: redescobrimo as origens.** São Paulo: EDUC, 2009.

DU BOIS, J. W. **Competing Motivations.** In: HAIMAN, J. (org). Iconicity in syntax. Amsterdam : John Benjamins Publishing Company, 1985.

FURTADO DA CUNHA, M. A. **Funcionalismo.** In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2008.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIVÓN, T. **Syntax.** v. 1. Amsterdam: John Bejamins, 2001.

HOPPER, P. y S. THOMPSON. **Transitivity in Grammar and Discourse.** *Language*, vol. 56, n° 2: pp. 251-299, 1980.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.) **Gêneros Textuais e Ensino.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2003.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. S. Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.

PERFEITO, A. M. **Artigo de opinião**: análise linguística. In: CONALI CONGRESSO NACIONAL DE LINGUAGENS EM INTERAÇÃO. 1., 2006, Maringá. **Anais...** Maringá, 2007. p. 745-755.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução a lingüística**: fundamentos epistemológicos. 3. ed. São Paulo: Cortez: 2007. v. 3.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de e, aí, daí e então**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. Florianópolis, 2003. 400 p. Tese (Doutorado em Lingüística) - Curso de Pós- Graduação em Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina.